

JOSÉ ADRIANO DE FREITAS CARVALHO

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO FACSIMILADA
DAS *FIORETTI DE SANCT FRANCESCO*

(VENEZA, s.i., 1509)

Porto
MMI

A celebração — não vale a pena dizer histórica ou simplesmente literária, pois, em graus diversos, todas as celebrações o são... — de alguém pode dar origem à celebração de outrem, e, antes de mais, de um amigo seu... E esta, se sempe possível, torna-se quase uma urgência quando de ambos se conhece relativamente pouco ou, talvez, melhor, menos do que gostaríamos... E tentando-se comemorar neste ano de 2001 — com um involuntário atraso de dez anos, é certo — o IV centenário da morte de Fr. Marcos de Lisboa — cronista franciscano e bispo do Porto — surgiu a oportunidade de, com naturalidade, associar a essa celebração a da figura de Gaspar Barreiros, cónego de Viseu e, logo, de Évora, humanista, viajante, diplomata — diplomata, entendamos, à maneira que os seus dias encaravam a diplomacia — e, o que mais nos interessa aqui, biógrafo de S. Francisco de Assis. E foi este amor ao assisiense que aproximou e tornou amigos Gaspar Barreiros e Marcos de Lisboa — na altura também conhecido por Marcos de Betânia — e, em momentos diferentes, os fez professar na mesma ordem, ainda que depois Marcos de Lisboa tivesse acabado por passar a uma província franciscana mais recente e mais rigorosa (Santo António) e Gaspar Barreiros tivesse permanecido na «regular» província de Portugal. Curiosamente, porém, por circunstâncias biográficas que, esquematicamente, tentará apontar, em esboço, nos começos do século XVIII, o cronista Fernando da Soledade na «Quinta parte» da *Historia Serafica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal* (Lisboa, Antonio Pedroso Galvão, 1721)— capítulo que, com algumas notas, se reproduz em apêndice —, Gaspar Barreiros, agora já Fr. Francisco da Madre de Deus, acabará por ser sepultado num convento — S. Francisco da Orgens, junto de Viseu pertencente à província que, em 1574, talvez ainda fosse governada por Marcos de Lisboa—.

E se de Fr. Marcos de Lisboa se conhecem trabalhos directamente relacionados com S. Francisco e a sua Ordem — as suas *Crónicas da Ordem de S. Francisco...*, a promoção da tradução e edição das *Laudes* de Giacopone da Todi (*Cantos morales, spirituales y contemplativos*, Lisboa, Francisco Correa, 1576)..., da tradução de textos de S. Boaventura, etc. — do franciscano Francisco da Madre de Deus apenas se conhecem notícias de algumas que empreendeu relacionadas com o santo de Assis e a sua ordem. Antes de mais, a sua biografia — essa «vida do glorioso e Seraphico padre sanct. Francisco... que â muitos annos tenho começada, e muito cedo espero acabar...», como declara na dedicatória das *Censuras* (Coimbra, 1561) a Marcos de Lisboa — e a *Chronologia geral* da Ordem franciscana, ambas em latim, como que a dar o seu *pendant* humanista ao vulgar — português e castelhano — de Fr. Marcos, pois o único trabalho conhecido em latim do bispo do Porto — o *De disciplina christiana* — continua inédito. É uma pena que tenham desaparecido — ou que ainda não tenham aparecido... — tais trabalhos, especialmente a biografia do *Poverello* que, como vimos, estava quase acabada em 1560... De todos os modos, algo resta ainda desses dias, leituras e trabalhos preparatórios dessa biografia. Efectivamente, na B. P. de Évora (Res. 539) guarda-se ainda o exemplar das *Fioretti de Sant Francesco* (Veneza, s. i., 1509) que pertenceu, como atesta a assinatura que lhe apôs no rosto, ao ainda cónego Gaspar Barreiros. Naturalmente, não é este o lugar para chamar a atenção para a importância das *Fioretti di S. Francesco* ao longo da história do franciscanismo — há todo um S. Francisco que quase só costuma conhecer-se pelos relatos dessa tradução do *Actus Beati Francisci* —, mas vale a pena recordar que esse texto, na sua fragmentaridade exemplar, é uma espécie de imitação de Cristo levada a cabo por Francisco († 1226) e pelos seus mais directos companheiros (Bernardo..., Rufino..., Egídio..., Lione..., António..., Clara...) e por outros companheiros desses companheiros (Giovanni della Verna, † 1330)... E não sei se será por acaso — mas é seguramente uma coincidência sempre interessante — que o exemplar dessa edição que se guarda na Biblioteca Estense de Modena [z. 9.32 (2)] está encadernado juntamente com uma edição (Veneza, Marchio Sessa, 1516) do *De immitatione Christi. Et de contemtu mundi in vulgari sermone* de T. Kempis, aí atribuído, como era quase normal, a Jean Gerson, o que equivale a sugerir que nesse singelo, mas

precioso, volume da biblioteca de Modena se reuniram dois textos sobre a imitação de Cristo. Curiosamente, o de T. Kempis, o mais exortativo, precede as *Fioretti*, que — esperemos que não se atribua a sugestão a uma simples *trouvaille* — poderia ser como uma demonstração desse desprezo do mundo e da consequente *sequella Christi*...

Por outro lado, o exemplar que pertenceu a Gaspar Barreiros — e que aqui se reproduz — na sua pobreza tipográfica e riqueza textual, é um raro testemunho da circulação das *Fioretti* na cultura portuguesa do século XVI, sem que aqui nos importe determinar com mais precisão outras datas.

As *Fioretti* de Évora parecem, assim, representar um dos dois exemplares conhecidos dessa edição de Veneza de 1509, pois Max SANDER, *Le livre à figures italien depuis 1467 jusqu'à 1530. Essai de sa bibliographie et de son histoire*, Milan, Ulrico Hoepli, 1942, I, 503, n.º 2878, apenas regista esse exemplar de Modena, desconhecendo, por isso, segundo presumimos, o exemplar de Évora. E a indicação de Anne Jacobson SCHUTTE, *Printed italian vernacular religious books*, Genève, Librairie Droz, 1983, 182, remetendo para esse lugar de M. Sander, dá, por confusão com o exemplar de Modena e como foi possível verificar localmente, a existência de um exemplar na Biblioteca Nazionale de Firenze. Serão estes os dois únicos exemplares ainda existentes desta edição? Em bibliografia é difícil existirem certezas absolutas, mas, por agora, tanto quanto foi possível controlar os dados disponíveis, podemos garantir que o exemplar de Évora representa muito bem essa edição de poucos luxos, em papel de não muito boa qualidade, com falta de capitais na abertura de muitos capítulos e em muitos outros utilizando capitais um pouco cansadas, sem foliar ou paginar..., características que a tornariam numa edição relativamente acessível. De todos os modos, quer o exemplar de Modena quer o exemplar de Évora estão bem conservados na sua integridade e devemos agradecer que Gaspar Barreiros tenha deixado o seu nome a atestar o seu interesse pela obra.

Reste apenas dizer que, como se verá, o exemplar de Gaspar Barreiros, oferecendo na portada algumas indicações inquisitoriais manuscritas referentes à sua leitura, apresenta igualmente quase quatro linhas no primeiro fol., que a inquisição portuguesa censurou — em 1574? Em 1625? — e que, neste caso, podemos

reconstituir por recurso ao exemplar da Biblioteca Estense, pondo em destaque, com o desenvolvimento das abreviaturas, o que a inquisição portuguesa, que não devia apreciar certas flores (mesmo santas...) de retórica, censurou:

E come quelli sancti apostoli che sono a tutto il mondo meravigliosi de sanctita et pieni del spirito sancto: cosi quelli sanctissimi compagni de sancto francesco furono homini di tanta sanctita che dal tempo delli apostoli in qua el mondo non hebi cosi meraviglioso et santissimi homni. Impero che alcuni di loro si furno rapti...

(*Fioretti de Sant Francesco...*, Veneza, 1509 cap. 1)

Ao fim e ao cabo, pouca coisa.



1573. Anno tida do soberano auxilio, animosa, & robusta resistia a todas as suas quiméras. He verdade que em hũa occasião a sobressaltou o pavor, mas achou prompto o refugio amparando-le com as Imagens de Maria Santissima, & S. Joseph, em cujo asylo perseverou até que fosse manhã. Era finalmente pobrissima de bês, & de desejos das coufas do mundo; & como o inimigo não tinha em que fazer preza, (como advertio São Gregorio) não podia derriballa da eminencia da virtude. Com esta constancia chegou ao fim de seus dias, os quaes concluhio com huma ditosa morte no anno de 1673. deyxando nesta clausura muyto acreditado seu nome, & a Ordem Terceyra, cuja Regra professára, enriquecida com a joya de sua santa opinião.

*Gregor.
hom. 12.
in En-
angel.*

CAPITULO XVIII.

Memoria do Padre Fr. Francisco da Madre de Deos, conhecido no seculo pelo seu famoso nome de Gaspar Barreyros.

122 **P** Araque não se perca de todo a lembrança deste Varão insigne, assim como ficou sepultada com elle a de seus progressos em a nossa Ordem, exporemos neste lugar os que pode investigar, & saber a muyta diligencia que applicamos para os descobrir. Foy natural de Viseu, & da principal

nobreza desta Cidade, assim por parte de seu pay Rui Barreyros de Seyxas, como de sua mãy Maria de Barros, irmã do famoso João de Barros, que por suas elegantes Decadas mereceo dignamente o brazão de Tito Livio Portuguez. Tendo nove annos de idade conseguiu hũ Canonato; & posto que lhe fosse muyto conveniente por ser na sua Patria, & ter nella com que passar a vida conservando a authoridade da sua pessoa, com tudo o desejo de adornar a seu elevado espirito com os esmaltes da erudição lhe fez menos agradavel aquella conveniencia; & antepondo a todas o logro da sua pertençaõ passou á Universidade de Salamanca, aonde estudou Rhetorica, Mathematica, Theologia, & Canones, com tanto proveytamento, que voltando a Portugal era reverenciado de todos os doutos por Varão singularmente sabio. Não foy menos respeytado dos Principes, & em particular do Infante D. Henrique, o qual o constituhio fidalgo de sua casa, & conservou por espaço de vinte & cinco annos em seu serviço com a estimação que merecia por suas prendas.

123 No de 1546. o mandou a Roma o mesmo Infante para render em seu nome as graças ao Summo Pontifice Paulo III. pelo Capello de Cardeal que lhe enviára, & do proprio modo a visitar as personagens q̄ haviaõ assistido na sua creação; como tambem

1

2

3 Anno bem sobre algũs negocios que el-
 1573. le tinha com o Vigario de Chri-
 fto. Aqui lhe occorrerãõ outros
 pertencentes á Monarquia, &
 erãõ de tanta importancia como
 se pòde ver em hũa carta, que de
 Roma escreveu a El Rey D. Joãõ
 III. & se acha na segunda Parte
 do Catalogo dos Arcebispos de
 Braga. No tempo que lhe ficava
 livre se occupou em reduzir a
 boa fórma a Corografia das ter-
 ras de Hespanha, França, & Ita-
 lia, atè Milãõ, que foy escreven-
 do pelo caminho á instancia de
 Joãõ de Barros, que nesse tempo
 compunha hũ livro Geografico,
 & queria que este doutissimo lo-
 brinho o informasse com certe-
 za das fundações das terras, no-
 mes antigos, & modernos das
 mesmas, & a de todas as mais no-
 ticias conducentes ao seu intèto.

4
 5 124 Em vinte & cinco de Ja-
 neyro de 1548. já estava finaliza-
 da a dita Corografia, porque no
 proprio dia, residindo ainda na
 Curia, a dedicou ao Cardeal In-
 fante. Na mesma jornada encõ-
 6 trou hũs Commentarios de Joãõ
 Anno Viterbienfe feytos a cer-
 tos fragmentos, & livros, de quẽ
 dizia o dito Anno falsamente fe-
 rem seus authores Marco Porcio
 Cataõ de Originibus, Beroso Sa-
 7 cerdote Caldeo, Manethon Sa-
 cerdote Gentio do Egypto, &
 Quinto Fabio Piõtor, Romano,
 sobre os quaes fez quatro Censu-
 ras elegantes que offereceo ao
 Padre Fr. Marcos, Chronista Gé-
 ral da nossa Ordem nesta Provin-

8
 9 cia. Em cuja dedicatoria lhe de-
 clara o grande affecto que tinha
 a nosso Patriarca S. Francisco, &
 que o mesmo o incitara a escre-
 ver-lhe a vida em Latim, aprovey-
 tando-se das noticias, & direc-
 ções da primeyra Parte da Chro-
 nica que o dito Padre havia dado
 ao Prelo.

125 Já nesta occasiãõ residia
 em Evora a onde tinha hũ Cano-
 nicato q̃ o Summo Pontifice lhe
 havia dado, com duas Abbadias
 no Bispado de Viseu, & na pro-
 pria Cidade de Evora estava no
 anno de 1560. quando dedicou
 a El Rey D. Sebastião o seu Com-
 mentario Latino sobre a terra de
 Ofir, donde vinha o ouro ao Rey
 Salamão, o qual com as obras re-
 feridas se imprimio em hũ tomo
 na Univerfidade de Coimbra no
 anno seguinte de 1561. Deu tu-
 do ao Prelo seu irmão o Desem-
 bargador Lopo de Barros, & pe-
 la dedicatoria do proprio volu-
 me, & a sobredita do Cõmenta-
 rio se vê que depois do mes de
 Mayo de 1560. atè o de Setem-
 bro do mesmo anno se retirara
 Gaspar Barreyros do seculo.
 Houve permissãõ do Infante pa-
 ra deyxar os bens, & rendas que
 tinha a seu irmão, no qual renun-
 ciou a Conezia, dando-lhe junta-
 mente entrada, & muyta aceyta-
 ção na casa do referido Principe.
 O primeyro porto de salvação q̃
 demandou foy o da Religião da
 Companhia de JESUS, que esta-
 va em seu principio, mas já muy-
 to adiantada, & brilhante com os
 rayos

Anno 1573. rayos de numerosas virtudes, & creditos. Aqui perseverou algũs tempos continuando nos veneraveis costumes com que sempre vivèra, pelos quaes, & por sua muyta prudencia, nos dizem que o levára S. Francisco de Borja para Castella, & o transplantàra em Roma theatro glorioso da sua fama.

126 O certo he que nesta Cidade assistia quando o desejo de viver nos apertos da nossa Ordem o trouxerão a ella. O Summo Pontifice (devia ser Pio IV.) approvando lhe o piedoso impulso o favoreceo nelle com animo tão benigno, q̃ aos dezoyto dias de habito mandou que o admittissem á Profissão; na qual deyxando o nome de Gaspar Barreyros, tomou o de Fr. Francisco da Madre de Deos. Servio-se logo d'elle o Vigario de Christo; & tendo feyta hũa casa no seu Palacio com elegante curiosidade em que se via a Cosmografia do Universo confôrme as taboas de Ptolomeo, lhe ordenou que como tão perito nesta Arte revisse todos aquelles mappas emendando os erros que achasse nelles. Assim o fez, principalmente na parte de Asia, da qual tinha mayores noticias do que os Cosmografos Estrangeyros, assim por causa da nossa navegação, como pelas liçoens que havia tomado de seu tio o mencionado Joaõ de Barros. Nesta occasião devia de escrever o tratado que compoz de Annotações ao referido Pto-

V. Part.

lomeo, & por hũa, & outra empreza augmentou creditos á sua fama, & deu motivo a que o mettessem em outras de notavel trabalho. Principiou a Chronologia Géral da nossa Ordem na lingua latina, a qual se fora acabada, bastaria para glorioso, & perpetuo padraõ de seu nome. Tambem deyxou imperfeytos hũs opusculos de oblervaçoens Cosmograficas: mas de todo ficou acabado hũ tomo que era preambulo a dous de linhagês antigas intitulado: *Verdadeyra Nobreza.*

127 Estas são as noticias que temos da sua assistencia em Roma, donde voltou para Portugal a instancias del Rey D. Sebastião, & seriaõ tambem do Cardeal Infante. Diz hũa relação que o fim era para continuar as Decadas de seu tio: & se este foy, não se conseguiu; porque o Padre Fr. Francisco pela sua muyta idade, & desconcomodos do caminho nunca logrou saude em Lisboa. E sendo mandado do nosso Convento para os ares da patria, nesta jornada lhe abreviàraõ a vida, que elle deyxou com aquelle defengano, & preparação que se esperava de sua grande virtude. Foy sepultado no Convento dos nossos Padres da Provincia de Santo Antonio, hoje da Conceyção. Tratão d'elle Nicolao Antonio, & Joaõ Franco Barreto nas suas Bibliotecas, & na de Hespanha o seu author André Scotto lhe chama: *Egregie doctus*; Egregiament-

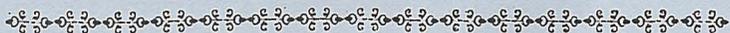
Archiv.
de São
Franc.
de Lis:
boa.

Catalog.
ubi sup.
cap. 80.
num. 7.

H te

Anno te douto: & o referido Catalogo: muyta erudição.

1574. Pessoa bem conhecida por sua



ERECÇAM DO MOSTEYRO DE N. Senhora dos Poderes de Villa Longa.

CAPITULO XIX.

*Quem o fundou, porque motivos,
& qual foy o seu primeyro
insituto.*

128 **Q**uatorze annos antes do de 1574. (de que agora escrevemos) teve principio este vergel da virtude: mas para a Provincia de Portugal começou no presente, porque nelle o recebeo na sua obediencia. Fundou-o hũa mulher, por todos os respeytos insigne, pois sendo muyto preclara pelos dotes da natureza, & liberalidades da fortuna, não o foy menos pelos favores, & mimos da graça. Chamava-se D. Brites de Castelbranco, & era filha de Heytor Mendes Valente, & de D. Mecia Paes, ama que fora do Infante D. Duarte filho del Rey D. Manoel, o qual casando com a Infanta D. Isabel filha do Duque de Bargaça D. Jayme, chamou para Dama dada a Infanta a D. Brites de Castelbranco sua collaça; & por este respeyto, & o do grande amor de Deos que nella resplandecia, era notavelmente estimada destes Senhores. Do proprio matrimonio tiverão por filhos a Infanta D. Catharina, que casou

com o Duque de Bargaça Dom Joaõ I. do nome, a Infanta Dona Maria Duqueza de Parma, & o Infante Dom Duarte Duque de Guimarães, & Condestavel do Reyno. Todos nomeamos, porque havemos de fallar em todos; os quaes seguindo os exemplos dos Infantes seus pays, erão grãdemente affeyçoados a D. Brites, & o mostraraõ em varios argumentos conducentes á fundação de que imos tratando.

129 Vivendo em casa do sobredito Infante, que propriamente era escola de bõs costumes, exercitada em muytas operaçoens virtuosas, a pediu para sua mulher Antonio da Sylveyra, Senhor, & Alcayde mór de Terena, depois que voltou da India, aonde em varias occasioens dera mostras do seu valor. Durando porèm este laço o tempo só de tres annos, a mesma Infanta D. Isabel saudosa pela sua assistencia a obrigou a voltar para sua casa, em que perseverou seis annos cõ efficazes desejos de offerecerse a Deos em hũa clausura. E para que os rogos de seu pay, que ainda vivia, nem os preceytos da Infanta pudeffem movella a dar a pessoa algũa a maõ de esposa, & apartalla de tomar o estado que appetecia,

NOTAS AO FACSIMILE

1.- Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, II, Lisboa, Officina de Ignacio Rodrigues, 1747 (aliás, Coimbra, Atlântida Editora, 1966), 333, repete, com algo mais de ênfase, estas afirmações de Fernando da Soledade, mas Manuel Lopes de ALMEIDA, *Notas de história e bibliografia — 1 — Duas cartas referentes a Gaspar Barreiros in Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, I (1955), 277-282 matizou-as com base em duas cartas do bispo-eleito de Viseu D. Miguel da Silva, o futuro cardeal que tantos atritos diplomáticos haveria de causar entre Portugal e a Santa Sé a quem Baltasar Castiglione dedicará *Il libro del Cortegiano*.

2.- Estas afirmações dependem, quase à letra, do que declara ao cardeal D. Henrique o próprio Gaspar Barreiros na dedicatória da sua *Corographia de alguns lugares que stam em hum caminho que fez... o anno de MDXXXVI começando na cidade de Badajoz em Castella, te à de Milam em Italia...*, Coimbra, João Álvares, 1561: «Mandoume V.A. o anno passado à esta corte de Roma, dar os agradecimentos ao Sancto Padre Paulo III da sua criação em Cardeal, e à visitar os que nella foram presentes, e assi sobre alguns negocios que então com sua Sanctidade tinha...». Henrique de Portugal foi criado cardeal em 1545.

3.- A carta referida enviada a D. João III e publicada por D. Rodrigo da CUNHA, *Segunda Parte da História Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga, e dos sanctos, e varoens illustres que floreceraõ neste Arcebispos*, Braga, Manuel Cardozo, 1635, no lugar indicado por F. da Soledade (conf. Edição fac-similada da mesma *História Ecclesiastica...*, Braga, 1989, sob os eruditos cuidados de José Marques, 350-357) trata, precisamente, de «outros negócios» de que parece ter sido ou se ter encarregado Gaspar Barreiros sobre as negociações do caso das rendas do bispado de Viseu em relação a D. Miguel da Silva e aos desejos de D. João III sobre a Inquisição. Alexandre Herculano, *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, III, Lisboa, 1976, 256, n.ª 13 refere-se a essa carta de Gaspar Barreiros e às cautelas com que, dada a sua origem e a sua não actual existência, deverá ser utilizada. De todos os modos, como refere D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana...*, II, ed. cit., 334 — facto não referido por Soledade... — Gaspar Barreiros «rectamente administrou o Officio de Inquisidor contra a heretica pravidade», sendo que um dos processos em que, como notário, interveio, foi o instaurado (Évora, 1543) contra Pedro Álvares, personagem de algum relevo nos círculos do messianismo cristão-novo centrados, entre outros, em Luis Dias, o célebre alfaiate de Setúbal, de que trata Elias LIPINER, *O sapateiro de Trancoso e o alfaiate de Setúbal*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1993, 138, 139, 141, 155, 156 obra que, apesar da documentação importante e original que maneja, haverá que ler com alguma distância em relação, sobretudo, a Gonçalo Eanes Bandarra.

4.- De novo, o cronista franciscano reproduz as palavras de Gaspar Barreiros na referida dedicatória da *Corographia...*: «Outra causa tive para me occupar n'estas

investigações, pedir-me meu tio Joam de Barros, que lhe screvesse muito particularmente, todos os lugares, d'este meu caminho, com tudo ó que acerca de suas fundações, nomes antigos, e mudança delles pudesse saber, por quanto sperava de se aproveitar da minha enformação na sua geographia, que muitos annos â tem começada de todo o universo...».

5.- Fernando da Soledade comete ou deixou passar um ligeiro erro: a dedicatória da *Corographia* está datada de Roma, 15 de Janeiro de 1548 e não de 25 desse mês.

6.- As *Censuras de... sobre quatro livros intitulos em M. Portio Catam De originibus, em Beroso Chalaao, em Manethom Aegyptio, e em Q, Fabio Pictor Romano*, Coimbra, Joam Alvares, 1561 foram, efectivamente, oferecidas a Fr. Marcos de Lisboa — a dedicatória vem datada de Évora, 8 de abril de 1557 — causadas «a indignaçam que tive contra os authores [Anio de Viterbo, antes de mais] d'esta tam inutil falsidade, e contra o credito que muitos homens lhe començavam a dar». Em tal ensejo, Gaspar Barreiros, remetendo para um tempo em que submetera as *Censuras* à censura de Marcos de Lisboa — «V. R. foi o primeiro que as vio, e hum dos que me movêrão á publicallas» — renova o pedido de que «as torne a ver e emendar e depois pubrique, se ainda stever no parecer e conselho que acerca d'ellas teve, e me deu aquelle tempo». Por qualquer motivo, Fr. Marcos, de quem nunca suspeitaríamos tal tipo de erudição, não deverá ter-se empenhado na sua publicação — o futuro editor ter-se-ia seguramente lembrado de tal gesto — e as *Censuras*, tal como a *Corographia*, só vieram a ser publicadas pelos cuidados de Lopo de Barros, irmão e herdeiro de Gaspar Barreiros, depois, como ele, cónego de Évora. Como referem D. Barbosa MACHADO e Nicolás ANTONIO, *Bibliotheca Hispana Nova I*, Madrid Joaquim de Ibarra, 1783, 519, a *Censura* sobre Beroso Caldeo teve ainda mais duas edições, desta vez em latim: *Censura in quendam auctorem qui sub falsa inscriptione Berosi Chaldaei circumfertur*, Roma [A. Blado], 1565 e depois, Heidelberg, Typis Commelianis, 1598.

7.- Sobre Fr. Marcos de Lisboa, autor das *Crónicas da ordem dos frades menores* (Primera parte, Lisboa, Joannes Blavio de Colónia, 1556; Segunda Parte, Lisboa, Joannes Blavio de Colónia, 1562; Tercera Parte, Salamanca, Alexandro de Canova, 1570) poderá ver-se de Stanislaio da CAMPAGNOLA, *Le origini francescane come problema storiografico*, Perugia, Università degli Studi, 1979, 108-110 e José Adriano de Freitas CARVALHO. *As Crónicas da Ordem dos Frades Menores de Fr. Marcos de Lisboa ou a história de um triunfo anunciado* in AA.VV., *Quando os frades faziam História... Introdução à historiografia religiosa em Portugal — De Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcelos*, Porto, C.I.U.H.E., 2001, 1-78.

8.- E nessa importante dedicatória a Fr. Marcos de Betrâmia — talvez o primeiro nome de religião de Marcos de Lisboa —, Gaspar Barreiros declara, em Abril de 1557, que há-de vir a lançar «à sua conta a publicaçam da vida do glorioso e Seraphico padre Sanct. Francisco, que em Latim â muitos annos tenho começada, e mui cedo espero acabar. Na descriçam da qual, concorremos ambos, sem hum ter noticia do que fazia ó outro, senam for hum accidente de hũa certa communicaçã e practica, que descubrio e manifestou duas tam conforme occupações, elle em vulgar Portugues, e eu em Latim. Para a qual obra ter melhor execuçam,

esperei que V. R. fizesse primeiro estampar á sua, que eu tomasse por guia e lume da minha, como fiz: assi na ordem e modo da historia, como em todo o mais, de que muito me aproveitei...». Infelizmente, apesar da referência que lhe faz Fr. Marcos nos preliminares da «Segunda parte» das suas *Crónicas*, essa biografia de S. Francisco pelo então ainda cônego de Évora nunca terá sido terminada. Assim — e sempre haverá que o lastinar — o dá a entender o Dr. Lopo de Barros, seu irmão e herdeiro, na dedicatória da *Corographia* ao cardeal Henrique de Portugal. De qualquer modo, devemos anotar, por um lado, que, como declara Gaspar Barreiros a Fr. Marcos de Lisboa nessa dedicatória, «â muita devaçam que sempre tive à este glorioso Sancto... me fica em lugar de hum furor poetico que os authores gentios no principio de suas obras desejavam, invocando quem lho mal podia dar, se ó elle nam tiveram de sua natural sufficiencia: que em mim nam â, e este bemaventurado sancto me pode alcaçar com seus merecimentos...», e, por outro, que dessa sua devoção a S. Francisco é um bom testemunho essa rara edição das *Fioretti* (Veneza, s. i., 1509) que lhe pertenceu, obra que, curiosamente, Fr. Marcos não terá gostado de citar..., o que, evidentemente, não quer dizer que não tivesse apreciado.

9.- Sabemos já que entre 1543 — pelo menos — e 1560 Gaspar residiu em Évora donde se ausentou para a sua viagem a Roma entre 1564 e 1548-1549, ano em que, em 6 de Abril, segundo Barbosa Machado, terá tomado posse da conezia de Évora. Fernando da Soledade aponta ainda correctamente a data da dedicatória final ao rei Sebastião de Portugal — a obra fora anteriormente oferecida (1550) a João III — de *Commentarius de Ophyra regione apud Divinam Scripturam commemorata. Unde Salomonu Iudaeorum regi incllyto, ingens, auri, argentis, gemmarum eboris, aliarumque rerum copia apportabatur...*, Conimbricae, per Ioannem Albarum, 1561.

10.- Fernando da Soledade soube, conjugando as datas disponíveis, balizar a passagem de Gaspar Barreiros pela Companhia de Jesus e nada tem de inverosímil, apesar da prudência com que o cronista dá a notícia, que o cônego de Évora tenha sido atraído, como todos, pela personagem e personalidade de S. Francisco de Borja que, desde meados de Dezembro de 1559, se encontrava em Portugal para assistir às festas da criação da universidade de Évora (Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, I, 2, Porto, Apostolado da Impresa, 1931, 330-331). D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana...*, ed. cit., 334, dá alguns pormenores mais que necessitam de ser controlados por uma obra que urge dedicar a Gaspar Barreiros. Apesar deste fervor, acabou, recordado de um voto anterior de se tornar franciscano, por deixar a Companhia e passar, em 30.4.1562, aos franciscanos observantes em Ara Coeli (Roma) sob o nome de Fr. Francisco da Madre de Deus. Noviço por 18 dias e admitido à profissão em 17.5.1562, logo — pouco depois? — aplicado por Pio IV à revisão e correção «dos defeitos dos Mappas que estavam pintados em huma sumptuoza Sala, que mandara edificar em que se representava a Cosmografia do Universo conforme as Taboas de Ptolomeu», notícia que Barbosa Machado parece glosar de uma mais sucinta de Fernando da Soledade. Daqui aquelas *Annotações a Ptolomeo* que todos lhe atribuem, mas que, ao parecer, ainda ninguém terá visto... e que não será o *Vetusta aliquot oppidorum, insularum, fluminum, montium ac locorum nomina...*, que Nicolás Antonio viu, em manuscrito, na Biblioteca Vaticana... Esta, ao parecer, deverá ser a obra de que André de Resende, em

Carta a Bartolomeu de Quevedo (ed. de Virgínia Soares Pereira, Coimbra, INIC, 1988, 101, 173) se queixava de ser aproveitado sem, nem sempre, ser citado...

11.- Das outras obras, muitas delas incompletas ou sem ter passado, certamente, de projecto, que elencam Fernando da Soledade e D. Barbosa Machado, teria sido importante, para compreender a imagem que Fr. Francisco da Madre de Deus se fazia da sua Ordem, possuir a *Chronologia geral* da ordem franciscana que, segundo Soledade, começara em latim... É certo que nem sempre os elogios dos cronistas são fiáveis — «a qual, se fora acabada, bastaria para glorioso, e perpetuo padrão de seu nome» —, mas seria sempre interessante verificar que, na mesma época, dois portugueses — Marcos de Lisboa e Francisco da Madre de Deus — se tivessem, cada um a seu modo, consagrado a essa tarefa.

12.- Sobre as pretensões de genealogista de Gaspar Barreiros que remontam a alguma nota de sua *Corographia* a propósito de Medinaceli (Ed. cit., 67v), além do que diz André de Resende na *Carta a Bartolomeu de Quevedo* (ed. cit., 141 e respectivas notas), poderão consultar-se, centradas sobre este tomo «de todo inacabado» que seria «preambulo a dous de linhagens antigas intitulado: *Verdadeyra Nobreza* que, talvez, D. Barbosa Machado tenha visto», A. Braamcamp FREIRE, *Noticias da vida de André de Resende pelo Beneficiado Francisco Leitão Ferreira, publicadas, anotadas e editadas por...*, ed. do Arquivo Histórico Português, Lisboa, 1916, 90-91, em que põe sérias reservas a esses dotes genealógicos. De todos os modos, não deixa de ser curioso que André de Resende tenha ponderado a Bartolomeu de Quevedo que pretendia recorrer aos conhecimentos genealógicos do antigo cônego: «A Barrerio vero nescio quam circa familiarum notitiam versato, quid exspectare possis non video, praecipue post mutatum vitae prioris institutum. Quae res ut illi bene et feliciter atque animae salutem vertat, Christum omnipotentem quaeso» (*Carta a Bartolomeu de Quevedo*, ed. cit., 140).

13.- «Estas são as noticias que temos de sua assistencia em Roma...», resume, com base numa «relação» do arquivo do convento de S. Francisco de Lisboa, o cronista franciscano. Assim, seria. De todos os modos, ao ler essas notas, ficamos sempre com a impressão de que Fr. Francisco da Madre de Deus sempre o terá interessado menos que o cônego humanista que andou por Roma... Nem sequer apura a data do regresso de Fr. Francisco a Portugal — 25.4.1564, segundo Barbosa Machado — a não refere, como também indica o Abade de Sever, que chegou a ser professor de Teologia Moral em Alenquer e em Santarém donde, em busca da saúde, passou aos «ares patrios» de Viseu. Também, pela mesma causa, andou por Lamego e Ferreirim... Veio a morrer em S. Francisco das Orgens de Viseu em 6.8.1574. Lastimemos que D. António Caetano de Sousa, o continuador da insigne obra de Jorge Cardoso, o *Agiológio Lusitano*, não lhe tenha dedicado qualquer atenção nesse dia 6 de Agosto, mas recordemos que «foy sepultado — diz Soledade — no convento dos nossos Padres da Provincia de Santo António». É, seguramente, uma coincidência, mas não deixa de ser curioso anotar que foi enterrado num convento da mais recente e, talvez, então, mais austera, província franciscana portuguesa (criada em 1568) e a que pertencia, já que para ela se transferiu, Marcos de Lisboa.



Esperemos que a edição destas *Fioretti de sanct Francesco* tenha, pelo menos, o interesse de continuar a irmanar, alguns séculos depois, dois franciscanos que, cada qual à sua maneira, foram, depois de terem cruzado a Europa dos seus dias — ter-se-iam até encontrado? —, um marco na histórica cultural do século XVI com os olhos postos no *Poverello*. E esperemos ainda que o gratíssimo santo agradeça a todos os que contribuíram para que esta edição de uma obra em seu louvor resultasse, na sua simplicidade, o mais correcta possível, muito especialmente ao nosso colega e amigo Jacobo Sanz Hermida que aceitou, generosamente — bem desejaríamos que fosse também por amor de Francisco... —, encarregar-se da direcção da sua publicação.

Porto, 21 de julho de 2001
José Adriano de Freitas Carvalho

